

### POLITICO-POLKO-MANIA MANIFESTAÇÕES MINISTERIAES



#### EXPEDIENTE DO LAPIS

Temos que agradecer:



A este senhor o the reformado a manta.



A este o ter posto um girel (chinô) e uma pintura (na recita dos cabelleiros e... barbeiros? Barbeiros, não).

E' fico ou cabeça? polka offercida ao Sr. Cansansão de Sinimbú.

**E BICO OU CABEÇA-FOU?**

*Cansansão de Sinim*

bi bi bi bi

bi Li be ral x. p. t.

ô oh! oh! oh! oh!

Cansansão de Sinimbú,  
 bu! bu! bu! bu!  
 Liberal x p t o,  
 oh! oh! oh! oh!  
 Qual Maria de Behú,  
 uh! uh! uh! uh!  
 Dos cearenses tem dó!  
 Oh! oh! oh! oh!  
 Sinimbú de Cansansão,  
 ão! ão! ão! ão!  
 Tu és um liberalão!  
 ão! ão! ão! ão!

#### EXPEDIENTE DO LAPIS

Temos que agradecer:



A este senhor não só o ter-se tornado mais bonito, mas tambem a sua amabilidade.



A estes dous não temos nada que agradecer, porque nem um tira, nem o outro bota.

E agora digam que não temos razão em nos orgulharmos de termos feito, em tão pouco tempo, mais do que a Junta de Hygiene em toda a sua existencia. Continuaremos neste affan glorioso em favor da sanidade publica.



Para os devidos effeitos fica declarado que esta folha é redigida por José do Patrocínio, Dermeval da Fonseca, Arthur Barreiros, Thomaz Alves Filho e Henrique Chaves.

*Expositor popular.* — Como ultimamente estamos affeioando muito ás sciencias, já tivemos o gosto de lêr tres vezes *afias* este bom livrinho e continuamos a ficar sem saber nada.

O *Torniquete*, jornal illustrado, 1.º anno, n.º 1. E' magnífico, ás avessas!

Está na terra o Dr. Generino dos Santos, poeta positivista. E' o retrato vivo de Fagundes Varela. Convidamos todas as *pescoas*, que nunca legraram a dita de contemplar o grande bardo do *Evangelho nas Selvas*, a virem a esta redacção para fazer o conhecimento do Varela e do Dr. Generino.

*Monitor Academico*, ultimo n.º  
*La Saison*, n.º 10.

Por engano de paginação vem publicado no corpo da nossa folha um annuncio do *Apostolo*, que devera vir na capa.

Agradecemos ao Sr. Manoel Joaquim dos Reis, do *Apostolo*, a preferencia com que nos distinguiu.

Do Sr. Dr. Alberto de Carvalho recebemos uma amabilissima carta, em que S. S. nos participa que não se despede do numero dos nossos assignantes, o que é alguma cousa, e que continúa a ser sempre um dos nossos leitores, o que é muito. Uma reclamacao de numeros que lhe faltaram, deu origem a esse engano, que deu origem ao artigo do D. Filho, que deu origem á carta que recebemos, que por sua vez deu origem a dous alegrões nossos: contarmos ainda com um bom leitor, e nos igualarmos uma vez ao sabio Littré!

Pois que fomos dous ce que no anno da graça de 1878 recebemos cartas do Dr. Alberto de Carvalho: o *Besouro* e Littré.

Nós dous! Que honra... para Littré!

## Pinturas do pintor Pinto



esde que o mundo é mundo, ainda não haviam apparecido outras cosas igues a estas: a exposiçao de Paris e as economias do Sr. Andrade Pinto. Raiou o anno de 1878, e eis ahi a exposiçao a deslumbrar e o Sr. Pinto a pintar.....

\* \*

Pinto-o-economista entrou para o ministerio com uma idéa, que, só, occupava

todo o espaço do seu economico cerebro: a economia. E se Pinto-o-economista não conseguir realisar todas — todas e mais algumas — economias, então é certo: Pinto-o-pinto morrerá in-

fallivelmente, victima da molestia unicamente possivel para elle: a *economite*.

Por isso Pinto não pensou muito — por economia tambem. Foi logo aõ que desejava: dispensou, reduziu, supprimiu, demittiu.

Dispensou empregados, reduziu salarios, supprimiu logares, demittiu operarios. E se Pinto-o-pinto não se supprimiu a si proprio, foi ainda por economia: economia do tempo que n'isso gastaria.

Pintou, o Pinto!

Afinal, Pinto-o-economico já não tinha mais que supprimir: não lhe occorrera supprimir o seu proprio cerebro, dispensavel, desde que Pinto-o-pinto ainda ficava com o estomago — por economia.

E pensava, e remoia, e ruminava, e insistia ..... na idéa. Pinto queria economisar mais, e não era possivel. Bateu com as mãos — com os pés, não, por economia; — limpou o suor com os dedos — com o leuco, não, por economia; — e engoliu o cuspo — ainda por economia.

E veiu-lhe uma idéa: gritou-lhe do ventre uma voz:

— Pinta, Pinto; pinta.....

E zais..... não mais palitos, não mais bananas na marinha. E nem se pôde duvidar das idéas archi-economicas de Pinto-o-pinto, quando demitte o palito, quando suspende a banana.....

Pois que Pinto-o-economista é muito grosso para palito; pois que Pinto-o-economista não é nenhum banana.

E' Pinto..... que pinta.

E por isso a mocidade da marinha, reconhecida e *economizada*, reuniu-se e decidiu manifestar-se perante Pinto. Assim todos os rapazes resolveram fazer economias e preparar-se.

Todas as vezes que Pinto-o-pintor passar por perto dos rapazes da marinha, estes, em signal de apreço pela idéa da banana e do palito idéa tirada do..... do coração com dous palitos — ferrarão alas, saudarão profundamente a Pinto, e dar-lhe-hão, cada um — uma banana.

E é para que Pinto pinte..... D. FILHO.

## Jeremiadas do Sr. Castellões

(Musica de Mme. Angot ou de Maria Angot)

(CANÇÃO POLITICA)

O Serra foi pr'a o *Official*  
A escrever uns artigos...  
Mas inda o Serra, o grande Serra  
E' o serra-fila do Castellões.  
E as empadas se vão voando  
Nas azas da digestão.  
E o Serra vai mastigando  
As empadas da opposiçao...

Serra pr'a lá,  
Serra pr'a cá;  
Pan-pan, pan-pan,  
Pan-pan, pan-pan;

*Ce n'était pas la peine, assurément,  
De changer de gouvernement.*

PHILIPPE-PHILIPPINO.

## Não é cousa que dê muito trabalho



examinar-se o pequeno folheto envolto á roda de cada garratinha da verdadeira AGUA DE LOURDES. Nas folhas de aquelle folheto as palavras—

« AGUA DE LOURDES, »  
« FRANÇA, »

acham-se embuidos em marca d'agua em letras semi-transparentes, e ao expõem-se as folhas á claridade da luz, estas palavras vêr-se-bão in-

scriptas transparentemente em cada uma das ditas folhas. O não encontrarem-se estas palavras é signal evidente da fraudulencia do genero e para logo deve ser regeitado como falso. Não ha duvida que muitos haverá, que ao lêr estas linhas, dirão—Oh! eu não desejo incomodar-me em fazer semelhante busca. A todas essas pessoas nada diremos; no entanto dirigimo-nos aos milhares de pessoas de educação fina e delicada, que são os principaes consumidores da genuina AGUA DE LOURDES, cujas faculdades perceptíveis facilmente se offendem com tudo quanto é grosseiro e rude; essas pessoas acceptarão de bom grado este nosso aviso de precaução, revertendo tanto em seu favor como por amor do direito e justiça, sendo um facto bem estabelecido que a polidez pessoal e o acio, encontra-se raramente associado á impureza moral ou á obliquidade. Os falsificadores de França, Allemanha e Hespanha, teem mandado para este mercado centenas de duzias de suas miseraveis e invalidas imitações, e muita gente, não tendo dado pela differença, acha-se completamente lograda; descobrindo ao mesmo tempo, que aquillo que julgava ser genuino, não era mais do que uma fraca composição, de um cheiro e aroma pouco agradável, não sendo mais do que um fluido aguasento, exhalando um cheiro d'oleo rançoso, e materias vegetaes decadentes; é este pois o motivo que nos leva a chamar a attenção de todos, quanto á *marca d'agua*, afim de evitar que os compradores sejam enganados, e sim, que quando tenham de dar o seu dinheiro possam contar com segurança com todos os delectosos gosos e prazeres que só se podem encontrar na verdadeira AGUA DE LOURDES.

## Muita alegria!



Quantas alegrias, Deus santo!

emos a Redacção cheia de travessas alegrias, de alegrias sérias, de alegrias boiçosas; umas estão deitadas pelo tapete como cadellas felpudas, outras cochilando nas poltronas com expressões felinas, ternas; uma alegria está debaixo da mesa, e uma muito gordinha está abraçada com as duas figuras de porcellana do cinzeiro.

\*

É' uma festa que por aqui vae, um rir eterno! Da fumaça dos cigarros apparecem cousas exquisitas, do *crayon* do mestre Bordallo saltam illuminuras, Silvas Pereira, cousas bonitas, curiosas, macias, boas...

E então porque? pergunta o leitor. Ficaram doidos os pobres homens!

\*

Si ficamos, meu bom leitor, si ficamos!...

Olhem:

O Sr. Victorino de Barros pôz manta nova, o Sr. Hudson está se dando regularmente ao uso do *champô*, e ah! meu leitor, o Sr. Furtado pôz cabelleira na *Princesa Jorge*.

\*

Meu Deus! e não endoidecemos!...

L. BEIGRE.

## Um concerto

Fui ouvir tocar rabeça  
Quem correu Sêca e Meca,  
Oliveas de Santarem,  
Um artista! Oh! maravilha!  
E toca bem,  
Mas não me pilha

Outra vez! Comtudo creio  
(Mesm'affirmo sem receio)  
Vale até preço dobrado,  
Pois sem ter anunciado,  
Dançou!  
Largou

Da rabeça, o arco, ao lado!  
Depois de o ter largado,  
Vejam lá qu'inspiração!  
Poz-s'a tocar violão,

Mas não cantou.

Só tal faltou.

K. MARÃO.



## Noticiario



redacção do *Besouro* vai indo sem novidade, na sua importante saúde— excepção feita de um ligeiro incommodo do arraes da casa: uma dôr de cabeça... do dedo minimo na mão direita.

Felizmente a

dôr já passou... para a outra mão.



O BESOURO.

ENTRE O PALITO E A BANANA

Harmonias economicas, inspiradas em Rabelais:



São tão economicos os Senhores do governo que, antes de economisarem o palito e a banana, economisaram-se a si próprios; fizeram desaparecer como fumo suas gigantescas figuras de oradores e guerreiros, para se reduzirem a simples brinquedos de Gargantua, — Papá Gargantua — que os faz saltar ora por cima, ora por baixo da sua espirituosa e magica varinha.

BORRALHO PINHEIRO

Declarou-se hontem um verdadeiro incendio, intenso, horrivel e *circumscripto*, no coração purissimo do Brandão-da-Tinta, que está seriamente apaixonado pela actriz X..., da Phenix.

A' vista de tamanho incendio, não houve outro remedio senão tocar-se a rebate, nos sinos... de *Cornecille*.

Só por causa do Sr. Torres, o primo Basilio do *Primo Basilio*, tem-se demorado tanto os ensaios d'esta peça no Cassino.

— E' de difficil *embocadura* este homem, murmura a Sr.<sup>a</sup> Appolonia já cansada—e enfadada mesmo—de tão repetidos ensaios.

Na semana ultima\* partiu para a Europa o Sr. Cotegipe, e de lá chegou a Sr.<sup>a</sup> Suzanna. Não houve, pois, mudança no mercado.

O Sr. Cotegipe levou poucas saudades e a Sr.<sup>a</sup> Suzanne trouxe muita saúde: outra compensação.

Dizia-se hontem á bocca pequena—não se trata agora da Sr.<sup>a</sup> Appolonia—que já estava resolvida a questão Penedo, entre os membros do ministerio.

A' ultima hora, porém, soube-se que era falso o boato, e que a questão ainda está no mesmo Pé... nedo.

Acha-se *entre nós*, vindo de Santos, o Generino dos ditos, o amigo *sum christo*.

Trouxe consigo duas bellas produções arranjadas lá por S. Paulo: um mimoso soneto e um crescido cavaignac.

Esplendidos, ambos!

Por fallar em S. Paulo: é candidato á senatoria por essa provincia o Sr. barão Homem de Mello, presidente da Bahia.

S. Ex.<sup>a</sup> lembra a seus patricios, que entre outros titulos, elle possui o de ser um homem... de Mello!

Appareceu hontem logo pela manhã, na rua do Ouvidor, um cão recentemente fallecido, e de morte que apresentava todos os indícios de não ser natural.

Chamados os medicos da policia, e feita a respectiva autopsia, foram logo descobertos o crime e seu auctor: quem matou o cão foi o Baêta!

Continúa ainda a subscrever estas noticias, agora e até mais vêr,

O noticiariata

KARLO MELLO.

P. S. — Pessoa qualificada e digna da maior acceitação, afirma-nos que depois das ultimas chuvas tem nascido cabellos na cabeça do Sr. Furtado, que é um louvar a Deus de gatinhas. Por isso já não é elle careca—é ex-calvo.

Decididamente temos na classe dos artistas dramaticos muitos *notaveis*: elle, o ex, é um; o Martins é outro.

K. MELLO.

## Está na tinta ..

Antonio leu,  
José zangou se,  
Brandão escreveu.

Antonio rio,  
José mandou,  
Brandão revio.

Antonio compoz,  
José imprimio,  
Brandão vendeu.

Antonio dispoz,  
José dividiu,  
Brandão é que leu.

I. Ec.

## Ron-Rons



unca vos caseis com uma veneziana ou...

— Então porque?

— E' que as venezianas são as mulheres mais janelleiras, que conheço.

\*

— Sabes que morreu meu tio?

— Ah! e então, o que te deixou elle?

— Lembranças, pouca cousa.

\*

Perguntaram a um gastronomo de poucas palavras e muita comida:

— O que é o amor, Sr. Prudencio?

— Champignons falsos, minha senhora.

— E o que são champignons verdadeiros?

— Uma cousa muito gostosa.

\*

O commendador V\*\*\* teve noticia que todo o homem de espirito deve fazer calembourgs; e então annunciou:

« Precisa-se de um mestre habil em calembourgs, ainda mesmo que seja pratico. »

A casa do commendador, escusa dizel-o, encheu-se de mestres e de praticos.

Todos fizeram o seu; o commendador ficou na mesma: não entendeu um só.

Provará que o calembourg, todos o fazendo, não é para todos.

JULIÃO

## Engeitado

(Encontrado na caixa)

Adelia deu-me uma flor,  
Um lindo cravo rajado,  
Em prova do seu amor;  
E' de pennas; apressado  
A' guardal-o, me lembrei:  
Quem sabe se o cravo é feito  
Co'as pennas d'algum sujeito,  
Antes de mim, depennado?

BIBIANO.



## AO ALCESTE

(Folhetinista do *Diário do Rio Novo*)

Bordallo Pinheiro, em retribuição ás chapas que lhe cahiram em cima, deseja que as mesmas lhe caiam no telhado.

Eu não tive chapa, *seu Alceste*, como D. Bibas, a quem coube a chapa sisuda e de grandes collarinhos, a chapa transcrição.

Só o que ha é que elle não é Ribas, mas sim Bibas.

Destorça a perna do R, que está torta. KIT.

## Bom e amavel Senhor «Cruzeiro.»

*Da aza esquerda do «Besouro», 22 de junho de 1878.*

Por isso que no seu numero de 16 quiz o Senhor, com uma pontinha de especial espirito, deitar-me uma indirecta, soffra que lhe diga:

Eu, a musa do *Besouro*, a maior abelha, pouco se me dá que me chamem de feia; vivo muito contente a ouvir phrases cheias de unção e respeito do meu *Dom Bibas*, adormeço aos triolets do *Fin-ju*, corrijo os gallicismos do *Hop-Frog*, e deixo-me ir aos cochilos até os humbraes de uma boa somnêca com *cafunés*, que o Arraes me prodigalisa... ah! Senhor *Cruzeiro*, muito poucas vezes.

Esta é que é a minha vida; quem mais me incommoda é mestre Bordallo, a minha coqueluche! Si ainda não consegui fitar-lhe um instante, sinto uns pudores, ah! Senhor *Cruzeiro*, uns pudores!...

Agora si sou bonita ou não para o Senhor pouco se me dá; tenho o meu namorico e tomára que todos me dessem por feia, para assim garantir uma eterna afeição a quem amo e por quem sinto...

Cruzes! que si tu, Senhor, me chamasses bonita era capaz de levar-me á infidelidade.

Tenho medo do Senhor, no entanto sou com etc.

D. FELICIDADE (*a musa do «Besouro»*).

## Karetas e karões

D. FILHO, O FIM-FIM



pequeno; não tem por onde se lhe pegue. Principiando pela cabeça em vez de acabar nos pés em *im*.

Parece uma pitada que um conejo pachola sabora, ouvindo no confessionalario os peccadinhos azues.

Pouca gente o vê, e raras vezes põe-se-lhe o olho em cima, porque quando passa vae em rodizios do *Shating-Rink*.

O Ange Pitou dos triolets tem uma mania: é capaz de beber os arcs e... comer hostias pelo Amen!

O bibliophilo Thomazinni.

## DIALOGOS NA RUA

(ENTRE PESSOAS QUALIFICADAS)

FERREIRA DE ARAUJO e JOAQUIM SERRA

*O ventre do primeiro*: — Na questão da menina, quem tem razão; os medicos da policia, ou os outros?

*A barriga do segundo*: — Entre uns e outros tem razão..... o *Cruzeiro*.

— Como é isso?

— E' que o *Cruzeiro* é quem sempre tem razão..... no cabeçalho. A razão social.....

— Ah!

— Ah!

S. SARAIVA e DOM BIBAS

*O bigode de um*: — Parece-me que na questão politico-jornalística, o Luiz de Castro ficou mais zangado que o Gaspar.....

*O buço do outro*: — Tanto, que quasi metten o Gaspar no tronco!

— Deu o cavacaço, o Luiz de Castro.....

— Deu o cavaquinho, se me faz favor!

— Eh!

— Eh!

A. CAMARATE e L..... só.

*A pança daquelle*: — Viste o Amenophis Effendi?

*O abdomen d'este*: — Ora não vi.....

— E leste-o?

— Pois se li!

— Entendeste-o?

— Entendi!

— E viste os griphos?

— Pois se foi só o que vi.....

— Ih!

— Ih!

ARTHUR AZEVEDO e MACHADO DE ASSIS

*O pincez do primeiro*: — Então deu folhetim hoje?

*Os oculos do segundo*: — Dei hoje..... como sempre.

— E deu sorte?

— Qual! *Elle é azar*..... como sempre.....

— Irra, que eu tambem como sempre, e e o mo bem, tambem.....

— Oh!

— Oh!

CARLOS MOURA e PRINCEPE NATUREZA

*A penca de um*: — V. Alteza tem feito conferencias, mas julgo-o incapaz de fazer um comicio popular!

*A batata do outro*: — Isso de pulá é nos cavallinho; e eu não sou d'essas cousas: sou seu rival.....

— Repare que eu não tenho pestanas.....

— Nem ideas!

— Uh!

— Uh!

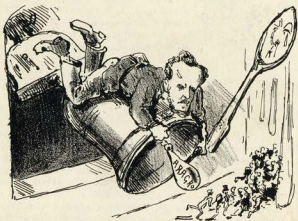
JUCA GYRA, *Cuisas de casa*.

### ROMANTISMO CULINARIO

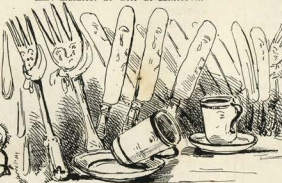
A PROPOSITO DO FECHAMENTO DOS CAFÉS E CASAS DE BAPTISADOS  
AO SR. CHEFE DE POLICIA



Serenata para ser cantada com a musica — Negro Manto:  
Meu café com gottinhas de le-e-e-eite,  
Onde estão teus olhares tão gra-a-a-atos?  
Já não posso bejal-o ama-an-an-ante  
Ah! maldicto do Tito de Mattos!...



Toca a recolher,  
Dig, dig, dão!  
O resuscitado  
E' o Aragão!  
Dig, dig, dão.



... foi então que ouvi o som do Aragão: chorava o garfo, chorava a faca, a colherinha, tudo chorava: só não chorava a chieira de café com leite e não chorava porque não tinha lagrimas. (Dalia, acto IV.)



O duro coração de Tito, que se não comia ovia como tantas lagrimas expandiu-se jubiloso no largo da Lappa, á vista dos foguetos de lagrimas e da facadilha incivil. O Mattos!... O seguis ta!... O Tito!... O pyrotechnico!



E' este o dilemma:  
Acerta na escolha:  
ou tomas juizo,  
ou saltas da folha.

NA LIBERTAD  
QUE NÓS TEMOS  
O CAFÉ  
SI ANTE É,  
E OS NOMES SÃO ANOES  
QUE MATOES

### METAMORPHOSE — DELIRIO DA ECONOMIA.



Andrade economisa-se, mais,



mais,



mais,



transforma-se em palito



e offerece-se, por economia, aos membros da marinha.



OS JORGE  
ESTA A  
... E NAO POMO NO  
FOI O SR. COVE  
POS. POR  
ECONOMIA